



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



## LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRABALHO COM GRUPO

### A Prática Coletiva na Enfermaria de Adolescentes: Um Olhar a Partir da Residência em Serviço Social

Juliane Escascela Garcia ;Neidy Márcia de Souza Silva  
Relato de Experiência

EIXO II: POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL

TEMA: Seguridade Social (Assistência, Saúde, Previdência)

Bacharel em Serviço Social - UFF e Especialista em Serviço Social e Saúde –  
HUPE/UERJ;

Mestre em Serviço Social – UERJ

Tel: (21) 975112500/ e-mail: juliane.escascela@gmail.com

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo registrar e analisar a experiência como residente em Serviço Social no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente - NESA/UERJ a partir da vivência no exercício da prática coletiva na atenção terciária. Para tal, busca-se apresentar a enfermaria de adolescente, sua proposta de intervenção, seus objetivos e direcionamentos na atenção frente ao conceito ampliado de saúde. Destaca-se a atuação profissional e sobre o trabalho desenvolvido com o Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados, cujo foco está na perspectiva da garantia de direitos e da educação em saúde, entendendo a família como ator fundamental no restabelecimento integral dos adolescentes e sua participação no processo saúde-doença. Por fim, analisa os limites e possibilidades de atuação da profissional no trabalho com grupo em um espaço de alta complexidade de um hospital universitário e seus desdobramentos em relação à rotina institucional e na vida dos adolescentes e seus acompanhantes e familiares.

**Palavras-chave:** Prática coletiva, Grupo Operativo, Serviço Social, Saúde do Adolescente.

**ABSTRACT:** This study aims to record and analyze the experience as a resident in Social Work at the Adolescent Health Studies Center - NESA / UERJ from the experiences in the exercise of collective practice in tertiary care. To this end, it seeks to present the adolescent ward, his proposal of intervention, objectives and guidelines at attention facing the expanded concept of health. It highlights the professional work and the work with the Operating Group with Escort Teens Hospitalized, whose focus is on the perspective of the guarantee of rights and health education, understanding the family as a fundamental actor in the full restoration of adolescents and their participation in the health-disease. Finally, it analyzes the limits and professional



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



performance opportunities in working with the group in a highly complex space of a university hospital and its consequences in relation to the institutional routine and the lives of adolescents and their caregivers and family.

O Programa de residência em Serviço Social do Hospital Universitário Pedro Ernesto, desenvolvido no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente tem como campo de prática os três níveis de atenção a saúde, ou seja, atenção básica, média e alta complexidade (primária, secundária e terciária), que compõem os diferentes projetos de intervenção do NESA. A fim de se possibilitar uma visão integral do sistema de saúde e da atenção à saúde do adolescente o residente de primeiro ano passa pelos três níveis de atenção do núcleo de modo que seja possível conhecer a atuação institucional no campo da assistência, ensino, pesquisa e extensão, bem como vivenciar diferentes tipos de abordagens com a rede, com os adolescentes, seus familiares e com a equipe presente em cada nível. No segundo ano o residente aprofunda seu projeto num campo de estudo.

Ao atuar na atenção terciária despertou uma identificação pela atividade de grupo, atrelada aos desafios da prática coletiva, por entender aquele espaço como diferenciado, de efetivo exercício do controle social e onde se viabilizava aos acompanhantes se posicionarem e exercerem sua autonomia enquanto sujeitos de direitos e atores de cabal importância na manutenção, prevenção e cuidado da saúde dos adolescentes.

Portanto é sobre esta vivência que nos propomos a registrar neste trabalho, ressaltando que a escolha por debruçar-se sobre o Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados no NESA, não se configura apenas por entender este espaço enquanto de enorme relevância no espaço institucional, mas também, como uma oportunidade de crescer profissionalmente em um tipo de atuação que demanda um aprimoramento pouco explorado na vivência acadêmica, apoiada por uma equipe de referência na temática.

A enfermaria atende a faixa etária de 12 a 18 anos e destina-se a tratamentos de alta complexidade. A equipe é composta por profissionais de várias categorias com um direcionamento para um exercício profissional multidisciplinar, com uma concepção teórica que embasa o trabalho vinculada a visão ampliada de saúde. Ou seja, compreendendo a relevância das dimensões econômica, social e política no processo saúde/doença. Alinha-se, ainda, ao pensamento que defende como diretriz um único sistema de saúde, tendo como base os princípios da universalidade, da integralidade, da equidade e da participação social. O NESA tem, para tal, como missão contribuir para a atenção integral a saúde de adolescente, através de ações interdisciplinares e proposição de políticas públicas.



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Na enfermaria do NESA são privilegiadas as abordagens conjuntas, integrando as diferentes categorias profissionais, fortalecendo os espaços de comunicação, troca de conhecimento e definições de prioridades na atenção à saúde do adolescente hospitalizado, de modo a viabilizar um atendimento integral ao adolescente. E é com base nesta concepção que se configura o grupo operativo com os acompanhantes familiares.

Em geral, os adolescentes permanecem hospitalizados pelo período de uma semana, sendo a estes garantido o acompanhamento do responsável respeitando o pressuposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Pode-se perceber que os acompanhantes e familiares são identificados, portanto enquanto atores de fundamental relevância no restabelecimento da saúde, no acompanhamento do tratamento e parceiros nos acordos firmados com os adolescentes no processo saúde/doença, para tal a importância do trabalho com grupo de familiares e acompanhantes.

O trabalho do Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados no NESA que é desenvolvido no espaço da enfermaria de adolescentes, ou seja, a atenção terciária do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA). A enfermaria atende a faixa etária de 12 a 18 anos e destina-se a tratamentos de alta complexidade. A equipe é composta por profissionais de várias categorias com um direcionamento para um exercício profissional multidisciplinar, com uma concepção teórica que embasa o trabalho vinculada a visão ampliada de saúde. Ou seja, compreendendo a relevância das dimensões econômica, social e política no processo saúde/doença. Alinha-se, ainda, ao pensamento que defende como diretriz um único sistema de saúde, tendo como base os princípios da universalidade, da integralidade, da equidade e da participação social. O NESA tem, para tal, como missão contribuir para a atenção integral a saúde de adolescente, através de ações interdisciplinares e proposição de políticas públicas.

É importante ressaltar que tanto o espaço quanto o horário em que acontece o grupo foram pensados coletivamente, em reunião de equipe, de modo que o mesmo fizesse parte da rotina e procedimento da enfermaria, assim como a realização de exames, terapias e refeições, o grupo para tal, é parte integrante das atividades desenvolvidas na atenção terciária do NESA. Contudo, destaca-se que se faz preciso a retomada freqüente da importância desse trabalho nas reuniões de equipe, por conta da própria dinâmica da enfermaria que possui uma alta rotatividade de alunos, especializando e curto período de estadia dos profissionais residentes nesta área.



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



A fim de melhor compreender o trabalho desenvolvido no referido projeto, entendeu-se como necessário iniciar o estudo a partir de uma breve análise da trajetória história do Serviço Social e sua relação com grupos.

Neste resgate histórico é possível observar que, em um primeiro momento, a aproximação do assistente social nas suas abordagens em grupo tinha como objetivo final a padronização e enquadramentos dos sujeitos e suas desvirtuações aos moldes da ordem social vigente. Atuação essa que não fugia a regra das demais ações executadas pelo Serviço Social dos anos 1950 e 60 junto à população, segundo o que era demandado a categoria pelo Estado.

Após o Movimento de Reconceituação e a emergência dos anos 70 e 80 é perceber-se alguns avanços no trabalho com grupo no que diz respeito à relação do assistente social e os usuários/ sujeitos. A categoria de aproxima dos conceitos e da literatura marxista e demais autores classificados como pensadores de esquerda, passando a entender os tidos “desajustes sociais” para além das questões centradas no sujeito ampliando agora o olhar da categoria para as diversas áreas da vida social.

Os anos de 1990 trazem em seu bojo o acirramento e a intensificação da política neoliberal, exigindo do assistente social uma postura de coerção e criação de consenso junto à população, postura essa que é rejeitada pela maior parte da categoria pautada também nas orientações das instituições representativas da profissão, mas que, por outro lado, é acatada por um quantitativo de assistentes sociais que tomam para si as necessidades impostas pelo Estado.

Ao longo do histórico da profissão se observa que existe uma trajetória não apenas de ampliação e aproximação dos assistentes sociais com a população, bem como, mesmo com as orientações das instituições representativas da categoria, também não há um pensamento hegemônico em relação ao Serviço Social e o trabalho com grupos.

O que os anos 2000 trazem à profissão uma discussão de abordagem de cunho político-pedagógico junto à população, de ações socioeducativas que estimulem e trabalhem a autonomia do sujeito e da emancipação deste, através de espaços e atividades que viabilizem a reflexão acerca de seu papel na sociedade. Para tal, o assistente social, em suas diversas áreas de atuação, saúde, previdência, educação, entre outras, passa a contar com protocolos, parâmetros dentro outros documentos e textos que respaldam e auxiliam no fazer profissional no sentido de viabilizar espaços e fortalecimento do protagonismos dos sujeitos através de práticas educativas e reflexivas. É nesse sentido também que se desenvolve o trabalho com



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



acompanhantes de adolescentes na enfermagem do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente.

O Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente recebe este nome, pois se utiliza, em conjunto com outras abordagens teóricas de práticas educativas, a técnica de grupo operativo de Pichon-Rivière. É sobre esta técnica que vamos abordar um pouco neste estudo, para a compreensão da metodologia do trabalho.

Esta técnica, fundamenta sua linha de teórica na compreensão de que a individualidade e o saber de cada um, profissional ou usuário, é valorizado no processo de aprendizagem e resolução das questões, buscando, para tal a superação da hierarquização do aprendizado, de modo que todos aprendem com todos, se afastando da dicotomia educador/educando.

Ou seja, a técnica de Pichon-Rivière, possui um posicionamento político-ideológico que compreende os sujeitos enquanto indivíduos inseridos em uma realidade concreta, contudo entende também que instrumentalizar seus integrantes possibilita condições para que estes sejam capazes de serem eles mesmos os operadores de mudança e de transformar essa realidade.

Nesse sentido o trabalho desenvolvido no Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados, pauta-se em conceitos ampliados de saúde, família e adolescência, considerando a heterogeneidade cultural e socioeconômica entre as famílias dos adolescentes hospitalizados, a conjuntura macroestrutural, bem como os temas transversais a adolescência e a saúde que perpassa a vida destes grupos familiares.

De posse desta visão ampliada dos diversos conceitos já citados, busca-se no grupo uma prática que reflita acerca das condições econômicas, sociais, culturais, da história de vida dessas famílias, entendendo que estes fatos são componentes do processo saúde/doença.

O grupo tem também como objetivo possibilitar o exercício de troca de experiências acerca da vivência dos acompanhantes na enfermagem do NESA e nos espaços de saúde; proporcionar a reflexão acerca do processo de adoecimento na adolescência e seus rebatimentos no indivíduo, na família e na comunidade em que transita, além de socializar as políticas sociais públicas e direitos, a partir das demandas apresentadas pelos usuários e pela equipe.

A atividade educativa e participativa que fundamenta o trabalho desenvolvido é compreendida, portanto enquanto processo que contribui para o desenvolvimento de uma



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



visão crítica dos sujeitos, em que pese suas questões, além de estimular a busca de soluções coletivas, sendo os acompanhantes e familiares compreendidos como fundamentais neste processo.

A partir das experiências vividas enquanto residente de serviço social neste espaço de intervenção, foi possível tecer algumas reflexões, identificar seus limites e possibilidades, potencialidades de troca de saberes, escuta diferenciada da população usuária e exercício de controle social na área da saúde, além de experiência enriquecedora em termos de formação profissional.

Para analisar o trabalho desenvolvido, complementando nossa formação na residência, realizamos um estudo onde foram utilizados alguns instrumentos que sistematizavam esta prática, tais como o livro de registros. Este era elaborado no decorrer das atividades, por diferentes profissionais de diferentes categorias. De modo que a visão acerca do trabalho, bem como das falas não ficava circunscrita a um profissional ou a uma categoria, dando aos registros uma pluralidade de olhares sobre a atividade.

Do livro foi possível colher dados referentes a presença dos acompanhantes na atividade, temas trabalhados, indicativos de questões a serem trabalhadas, presença de categorias entre outros pontos. Foram trabalhados na maior parte dos grupos temas relacionados ao dia a dia da enfermagem e questões transversais a adolescência, a partir daí pode-se abordar também acerca de direitos sociais e de educação em saúde.

Observa-se para tal a importância da sistematização da prática, seja do dia a dia profissional nos atendimentos individuais ou em atividade coletivas como é o caso do grupo. Foi apenas através da valorização de se ter um registro dos encontros e seus desdobramentos que se tornou viável a análise dos temas abordados nos encontros do grupo, bem como falas e colocações de usuários e equipe.

Entende-se que este exercício de sistematização da prática é influenciado pelas condições de trabalho entre outras questões, contudo reafirma-se que esse exercício de reflexão acerca do seu fazer profissional viabiliza instrumentos e dados para a avaliação dos limites e possibilidades do trabalho além do aperfeiçoamento e/ou substituição de técnicas, abordagens e instrumentos de trabalho. Possibilitando assim uma aproximação e cada vez melhor atendimento aos usuários.

Cabe ressaltar também que uma das funções do grupo é exatamente viabilizar um espaço que a partir de um olhar multidisciplinar e horizontalidade das falas seja possível fazer um exercício de reflexão crítica acerca das questões particulares de cada adolescente, cada acompanhante, cada família e sua correlação com as questões macrosociais, bem como os



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



diversos determinantes sociais que impactam diretamente no processo saúde/doença da vida dos adolescentes.

A participação das diversas categorias é de cabal relevância para a funcionalidade e efetivação deste trabalho de reflexão acerca dos determinantes e questões que compõem a compreensão ampla do conceito de saúde. Em se tratando de um trabalho desenvolvido em um espaço de enfermagem de alta complexidade o exercício de se relativizar, de maneira crítica, para hábitos, escolhas e questões que dizem respeito aos aspectos da vida de um adolescente para além das questões clínicas.

Entende-se como de fundamental relevância não apenas atentar, bem como viabilizar ferramentas para um debate sobre saúde, de maneira específica a saúde do adolescente, fortalecendo uma discussão que se afaste de uma visão médica e hospitalocêntrica, circunscrita em uma visão saúde enquanto ausência de doença. Para tal, utilizar-se desse espaço para tratar de temas transversais a adolescência como profissionalização, relacionamentos, educação, se torna fundamental de modo que seja possível ampliar o debate e a compreensão acerca dos conceitos de saúde e adolescência.

Para o estudo foram utilizados também questionários com perguntas fechadas, aplicados aos profissionais. Pretendia-se analisar na fala dos profissionais a respeito da percepção destes sobre o grupo enquanto atividade que faz parte da rotina da enfermagem e, deste modo, de responsabilidade e participação de todas as categorias, se pretendia analisar também se estes identificavam o grupo enquanto local privilegiado de fala e controle social, bem como espaço de troca de saberes e informações sobre os adolescentes, direitos sociais, funcionamento da enfermagem, do hospital, entre outros temas.

Em um primeiro momento, o estudo tinha como objetivo analisar também as falas e colocações dos acompanhantes que participaram do grupo, a fim de colher e entender suas visões sobre aquele espaço. Contudo esta análise não foi possível, entre outras questões referentes ao cotidiano de serviço o ano de 2015, quando da realização do estudo, foi marcado pela crise e precariedade dos serviços prestados no complexo de saúde do Hospital Universitário Pedro Ernesto e nas unidades de saúde pública da cidade do Rio de Janeiro como um todo.

Em que pese à enfermagem de adolescentes, leitos foram bloqueados, exames e procedimentos cancelados, funcionários que trabalhavam por regime de contrato foram dispensados, salários e auxílios das equipes de suporte como limpeza, copa e segurança ficaram atrasados, bem como dos residentes das diversas categorias e este cenário foi se



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



arrastando e intensificando ao longo de todo o ano, culminando em uma grande paralisação de todos os atores supracitados ao final do referido ano.

Importante ressaltar aqui que enquanto residente de serviço social, entende-se que o cenário apresentado acima não se circunscreve e limita em questões como má gestão e falta de verbas, mas também e principalmente em um posicionamento de um governo estadual que vem trabalhando ativamente no desmonte da saúde pública do Estado do Rio de Janeiro, privilegiando a inserção e contratação de empresas, ditas de interesse público, como EBSEH, OSS, OSCIP, que desrespeitam e degradam os princípios e pressupostos apresentados no Sistema Único de Saúde exigindo dos gestores e unidades de saúde que prezem por um atendimento universal, gratuito e de qualidade em saúde nos seus diversos níveis de atenção. Tornando-se, portanto, inviável aplicar e analisar os questionários aos acompanhantes dos adolescentes hospitalizados.

A partir dos questionários aplicados a equipe foi possível identificar algumas questões como a identificação da maior parte da equipe da Enfermagem, Psicologia e Serviço Social como integrantes do grupo e de uma parcela da equipe que identificam todas as categorias como componentes do grupo, o que é um fato muito interessante e de olhar para si enquanto ator daquele espaço.

Outro fator identificado diz respeito ao conhecimento e participação da equipe no grupo. A maior parcela da equipe relata conhecer a metodologia e participação, fosse aos encontros, nas supervisões ou nos demais espaços que integram a atividade. Entende-se essa presença da equipe como reflexo da compreensão do grupo enquanto atividade de rotina da enfermagem, que resulta em impactos na mesma, para tal, que diz respeito a todas as categorias.

No que concerne a identificação por parte da equipe da relevância do trabalho desenvolvido no Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados no NESA chama atenção para o fato de que mais da metade da equipe compreende o grupo enquanto espaço de escuta e encaminhamento de demandas e uma menor parcela identifica o grupo como um espaço de educação em saúde e controle social.

Há, portanto a necessidade de se trabalhar mais nas atividades de educação em saúde e controle social, de modo que os encontros do grupo não tenham um fim em si mesmo, nem se transformem em um grande espaço de reclamações puras e simples, mas que das questões e demandas apresentadas possa-se refletir juntos, equipe e usuários, os caminhos, ferramentas, causas e consequências das questões e demandas apresentadas.

A presença da equipe multidisciplinar se torna mais uma vez imprescindível de modo que os diferentes olhares e perspectivas acerca das demandas, questões e temas viabilizam



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



uma reflexão crítica acerca destas, deste espaço, da enfermagem, da saúde. E, para tal, entende-se que proporciona uma experiência rica e resolutive do demandado, seja pela equipe ou usuários.

Em que pese a experiência enquanto assistente social residente, estar inserido inserida no na operação deste projeto proporciona a formação profissional a oportunidade de se aprimorar a prática coletiva, a escuta qualificada ao usuário, além de viabilizar trabalhar de maneira interligada com outras categorias profissionais a visão ampliada de saúde e seus diversos determinantes.

Ainda nesse sentido, o grupo possibilita ao residente de serviço social trabalhar junto aos usuários sua autonomia, dinâmica familiar e, em se tratando de uma enfermagem de adolescentes, os princípios e pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente e o Sistema de Garantia de Direitos<sup>1</sup>. De modo que ao fortalecer esse espaço de divulgação de informação possa fornecer instrumentos acerca dos direitos e deveres dos adolescentes, das famílias e das instituições que os atendem.

Por fim, entende-se que atividade do Grupo Operativo com Acompanhantes de Adolescentes Hospitalizados no NESA se objetiva enquanto espaço de escuta qualificada, de exercício de autonomia dos sujeitos em relação as suas escolhas e as relativas a vida de seus adolescentes, além de cenário de prática multidisciplinar, de horizontalidades de falas e de reflexão das questões micro e referentes ao cotidiano de cada acompanhantes, família e comunidade em relação as questões macro, ao cotidiano hospitalar e o funcionamento das políticas públicas.

O grupo se configura como espaço impar, de educação em saúde, de identificação das demandas, controle social e de exercício de reflexão junto aos usuários de identidade de classe. Além de prática constante de reflexão crítica do que se entende por saúde, a fim de se pensar hábitos e escolhas saudáveis, além de questões transversais a adolescências. Busca pensar no adolescente de maneira integral, para além de sua patologia e estadia na enfermagem, e para tal justificando o trabalho de educação em saúde, promoção e prevenção desta, algo difícil e atípico em um espaço tão engessado quanto uma enfermagem de um hospital de alta complexidade.

---

<sup>1</sup> “O Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente constitui-se na articulação e integração das instâncias públicas governamentais e da sociedade civil na aplicação de instrumentos normativos e no funcionamento dos mecanismos de promoção, defesa e controle para a efetivação dos direitos da criança e do adolescente, nos níveis Federal, Estadual, Distrital e Municipal.” < <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/fortalecimento-de-conselhos/garantia-de-direitos-da-crianca-e-do-adolescente>> acessado em 22/01/2016.



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



O Assim o exercício da prática coletiva na enfermagem de Adolescente do NESA é entendido, na nossa concepção, como importante prática na formação profissional, de modo que possibilita um novo fazer profissional, viabilizando uma assistência para além da medicalização e tratamento clínico de forma integrada com diferentes categorias. Busca por fim, estabelecer outro tipo de vínculo com os adolescentes e acompanhantes de modo que sejam ofertadas ferramentas para que estes tenham autonomia nas suas escolhas, se entendam enquanto sujeitos de direito, informados e conhecedores destes, estabelecendo uma relação de pactuação e parceria entre equipe, acompanhantes e adolescentes de modo que todos estejam implicados no atendimento e cuidados destes sujeitos, tendo como diretriz o compromisso ético –político na atenção integral à saúde do adolescente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAVO, Maria Inês Souza; UCHÔA, Roberta; NOGUEIRA, Vera; MARSIGLIA, Regina; GOMES, Luciano; TEIXEIRA, Marlene (Organizadores) Serviço Social e Saúde. Formação e Trabalho Profissional. São Paulo: Cortez / ABEPSS / OPAS / OMS / Ministério da Saúde, 2006.

BASTOS ABBI. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. Psicólogo in Formação. 2010 Jan-Dez; 14(14):160-9.

BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

CORREIA, Maria Valeiria Costa. "CONTROLE SOCIAL". In PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da educação profissional em saúde / Isabel Brasil Pereira e Júlio César França Lima. 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.

MOREIRA, Carlos Felipe Nunes. O Trabalho com grupos em Serviço Social: a dinâmica de grupo como estratégia para reflexão crítica. São Paulo, Cortez, 2014.



# II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



MOROSINI, Márcia Valéria; FONSECA, Angélica Ferreira; PEREIRA, Isabel Brasil.  
“EDUCAÇÃO EM SAÚDE”. In PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da educação profissional em saúde / Isabel Brasil Pereira e Júlio César França Lima. 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.

Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. **Planejamento Estratégico**. Rio de Janeiro, Outubro de 2014.

Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde. Série Trabalho e Projeto Profissional nas Políticas Sociais (2). Brasília: CFESS, 2010.

SANTOS, Marcia Cristina Brasil et al. Prática educativa no campo da promoção da saúde: potencialidades dos grupos multidisciplinares no contexto hospitalar. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. p 207-219, Abr. 2011. ISSN 1982-8829. Disponível em: <<http://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/927>>.

VASCONCELOS, Ana Maria de. *Intenção-Ação no trabalho social*. Editora Cortez, 1985, São Paulo.